

Maçonaria e Religião I

A literatura esotérica atual é rica em detalhes quanto a cerimônias iniciáticas de antigas civilizações. Toma-se como fato conhecido a existência de sistemas de ensino paralelo às religiões oficiais, nos quais, através de sucessivos procedimentos iniciáticos, níveis superiores de consciência tornavam-se acessíveis aos neófitos, permitindo-lhes alcançar verdades transcendentais desconhecidas ao comum mortal, algumas das quais lhes dariam poderes especiais sobre si mesmos, a natureza e os demais.

Entre esses **textos**, muitos não apresentam qualquer indicação da origem dos conhecimentos que seus autores dizem possuir, outros os atribuem a oculta tradição esotérica, deles conhecida, ou a ensinamentos proferidos por personagens transcendentais.

Nesse contexto, torna-se extremamente difícil identificar conteúdos honestos (onde ao menos o autor acredita estar dizendo a verdade), daqueles onde a fraude é intencional e buscam apenas promoção e lucro, aproveitando o vivo interesse despertado em toda parte pelos assim chamados **temas esotéricos**.

Aula 6

Objetivos:

- Descrever algumas das iniciações místicas do passado;
- Comentar iniciações operativas;
- Relacionar a iniciação maçônica com as anteriores.

Textos: Outros ainda fazem derivar sua sapiência de poderes esotéricos especialmente desenvolvidos, com especial **cosmovisão**, a qual lhes teriam permitido examinar registros do passado histórico terrestre, de qualquer época e povo, traçando sua evolução, filosofia e história.

Como não há parâmetro de referência para avaliar o conteúdo das afirmações apresentadas em publicações desse gênero, resta ao leitor confiar na sua intuição, preferências pessoais ou opção de fé, uma vez que não há como provar a veracidade ou a falsidade de descrições de cerimônias, ensinamentos e conceitos supostos de recuada antiguidade, dos quais porém não existem quaisquer vestígios documentais ou em tradição oral conhecida.



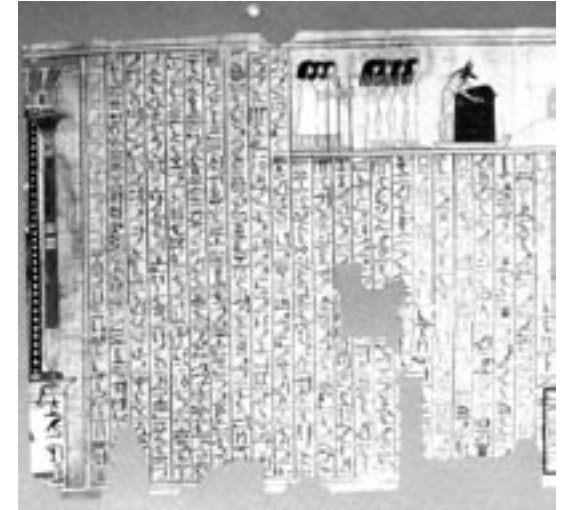
São conhecidos, por exemplo, os aspectos principais da religião egípcia, com sua multiplicidade de deuses, primitivamente representados na forma de animais, mais tarde como corpos humanos com cabeças de animais.

Essa literatura promove também a ideia romântica dos sábios sacerdotes de povos antigos, detentores de conhecimentos sequer suspeitados pelos cientistas da atualidade, e através desse *caleidoscópio multicolor*, reverenciam antigos egípcios, maias, hindus e tibetanos como detentores de verdades cósmicas.

É certo existirem registros escritos de antigas culturas, nos informando de seus costumes, pensamento e práticas religiosas, de seu acervo cultural. Em alguns casos essas informações estão reduzidas a fragmentos, em outros existem textos completos, que demonstram profundidade de pensamento de seus autores, com alto nível de abstração e coerência.

Os deuses, tribais a princípio, passaram a compor imenso panteão à medida que as regiões eram anexadas ao império, sendo inseridos na hierarquia divina dominante. São conhecidos inúmeros textos, traduzidos de antigos papiros ou inscrições em templos e tumbas, veiculando informações sobre as crenças egípcias, que podem ser interpretados como concepção mitológica do universo ou alegoricamente, como **representação simbólica da realidade**.

Citamos como exemplo trecho do **Livro dos Mortos**. Rolos de papiros contendo esses textos eram enterrados junto com o morto para orientá-lo durante a viagem definitiva:



Fragmento do papiro contendo parte do "Livro dos Mortos" egípcio.

Livro dos Mortos: Aqui começam as sentenças que relatam a saída do Ka para a plena luz do dia, relatam de sua ressurreição no espírito, ao entrar nos domínios do além, de suas viagens ali. Aqui estão as palavras a serem proferidas no dia do sepultamento, quando o Ka ingressa nos mundos do além, separado do corpo. (Paul Frischauer. **Está escrito**. São Paulo, Melhoramentos, 1972, p. 32.)

O texto segue descrevendo todas as etapas da aventura do “*Ka*”, parte sobrevivente da personalidade, seu encontro com deuses e demônios, indicando fórmulas e encantamentos a serem invocados para alcançar a imortalidade.

Bastante conhecido também é o “*Hino de Ich-náton*”, de época posterior, composto durante a vigência da reforma religiosa instituída por Amen-hotep IV (1372 -1354 a.C.), que adotou o nome de Ich-Áton (É agradável a Áton) e instituiu por breve período o culto monoteísta da Áton, o deus sol, banindo todos os outros deuses juntamente com seus sacerdotes:

*Tu apareces belo ao horizonte do céu, tu sol vivo, que foste o primeiro a viver. Nasces no horizonte oriental e infiltras beleza em todas as terras. (...) Quanta coisa há (ainda) que tu fizeste e que está oculto, tu, deus único, a quem ninguém se assemelha. Criaste a terra segundo teu desejo, tu só, com homens, rebanhos e todos os animais selvagens, tudo que está sobre a terra e anda sobre seus pés, e tudo o que paira acima e voa com suas asas. (Paul Frischauer. **Está escrito**. São Paulo, Melhoramentos, 1972, p. 44.)*

O estilo e tom desse hino assemelha-se àquele comum aos salmos bíblicos, apesar de ser de época muito anterior.

Certamente é possível especular sobre possíveis cultos e cerimônias associadas a esses e outros textos sacros, mas a credibilidade de tais afirmações ficam comprometidas quando não encontram no mundo palpável qualquer indicação favorecendo sua realidade. Lemos com reservas livros como o de **Joan Llarch** (certamente um pseudônimo), apresentando detalhes de cerimônias iniciáticas supostamente ocorridas no interior da **pirâmide de Quéops**, interpretadas simbolicamente a partir de cartas de *tarot*, com pormenores de procedimentos, diálogos e filosofia. A autora não comenta de que fonte obteve tais conhecimentos. Como saber se esse relato é algo mais que mera fantasia, criatividade romântica inspirada pelas figuras do *tarot*?

A frase: “**Quem está suficientemente adiantado na senda, sabe reconhecer a verdade**” usada por certos grupos esotéricos, é dúvida, prestando-se a manipulações, podendo ser utilizada sempre que não existir explicações

Joan Llarch, **A Pirâmide Iniciática** (Onde Tudo Começou), Record, Rio de Janeiro, 1983.

adequadas, para fugir a contestações contra as quais não existam argumentos convincentes. Lembremos que fraude em ambiente religioso, exploração da credence popular não constitui novidade. Do antigo Egito nos vem notícia dessa prática ancestral, como relatam Mircea Eliade e Ioan P. Couliano:

“No santuário de Deir el-Bahari, em Lúxor, a voz do deus Amon ditava a cada paciente a receita para a cura. Era um sacerdote escondido no santuário que falava por uma abertura secreta na abóbada. Quando algum curioso abria a porta, o sacerdote tinha tempo de desaparecer. Os Sacerdotes de Karanis e Faiyum tinham métodos mais sutis. Escondidos atrás das grandes estátuas ocas dos deuses, faziam-nas falar através de tubos. (...)

Na religião popular, Osíris, vencedor da morte e juiz dos mortos, tinha posição especial. Simbolizava o renascimento, e todos procuravam seu conselho. Abidos, local tradicional de sua sepultura, era o local mais importante de peregrinação no Egito. Tais centros culturais mantinham um comércio ativo de oferendas e imagens votivas, de pedidos inscritos em estelas,

*de bens perecíveis. As principais festas estavam associadas ao transporte dos deuses, invisíveis, no centro de barcas cerimoniais, ao som de música e em meio a danças.” (Mircea Eliade e Ioan P. Couliano, **Dicionário das religiões**, São Paulo, Martins Fontes, 1995, pp. 144 e 145).*



Não é nossa intenção generalizar, sugerindo serem fraudadores todos os sacerdotes egípcios. Absolutamente, entendemos haver existido, em todos os tempos e nos diversos povos, sinceros buscadores da verdade, cujas experiências podem ser válidas e inspiradoras para nós hoje. Nos opomos, sim, à visão simplista que pretende fazer desses homens do passado, seres superiores em moral e conhecimento, despidos de falhas humanas, o que não corresponde aos vestígios deixados na história. É bem verdade que as referências gregas sobre a sabedoria egípcia indicam a existência de cultos e cerimônias iniciáticas especiais na prática religiosa desse povo, mas o adjetivo “egípcio” atrelado à descrição de iniciações filosófico/religiosas de alegada antigüidade, em livros antigos ou atuais, não é atestado de autenticidade, exigindo exame e reflexões cautelosos.

Em todos os livros onde o tema **Iniciação** é comentado, nunca falta referência aos famosos **mistérios** gregos. Controversa é a época de nascimento do mais antigo escritor grego, Homero: por volta de 850 a.C. ou por volta de 720 a.C. Apesar de falar de mitos e deuses, o grande escritor não cita diretamente escolas iniciáticas ou mistérios. Autores posteriores, contudo, interpretaram alegoricamente trechos de suas narrativas, atribuindo-lhes especial significado iniciático. Heliodoro de Êmeso (séc. III/IV):

*O que Homero soube, ele o soube porque era egípcio e formado pela educação sagrada que confiou simbolicamente a seus versos, transmitindo-os àqueles que poderiam compreendê-los. (Pierre A. Riffard, **O esoterismo**, São Paulo, Mandarim, 1996, p. 128).*

Com Heródoto (?-420 a.C.) as referências às escolas iniciáticas são explícitas. Pierre Riffard comenta:

“O primeiro Historiador é Heródoto (...) (ele) narra o chamanismo cita, os mistérios egípcios, a hierogamia na Lídia, os magos da Pérsia, a ciência

*dos prodígios dos babilônios... poder-se-ia dizer que essa é uma oportunidade para o esoterólogo, porque mais do que sua curiosidade ele manifestou sua espiritualidade, mas, sem dúvida, uma explica a outra. Pode-se avaliar que seu sentido do sagrado deu-lhe poder para comparar culturas e unificar os mistérios. Opor as etnias e identificar as iniciações. Conhece-se o seu respeito pela disciplina do arcano:” Sei seus nomes, mas não os escrevo “(II, 124)” Conheço maiores detalhes a respeito dessas representações, mas guardemos silêncio sobre esse assunto “(II, 170). Não se poderia reclamar sobre seus silêncios –aliás respeitados pelos eruditos– pois esses escrúpulos (voltando aos mesmos) têm permitido a ele receber confidências, assistir às cerimônias que um filósofo não teria mesmo tido a idéia de se interessar” (Pierre A. Riffard, **O esoterismo**, São Paulo, Mandarim, 1996, p. 129).*

Os mistérios constituíram manifestações filosófico/religiosas gregas, ainda que Heródoto tenha citado com mesmo título algo semelhante existindo em outras nações. Em geral, através de procedimentos ritualísticos procurava-se alcançar nível superior de existência iniciando-se neste mundo, com conti-

nuidade no além. Os mitos desenvolvidos em torno da idéia de morte e ressurreição eram originados de vivência agrária, da experiência do crescimento da vegetação após a aridez do inverno, sendo reunidos em dois grupos, os “Pequenos mistérios”, celebrados na primavera, e os “Grandes Mistérios”, que ocorriam no outono. Supunha-se que os iniciados nos mistérios adquiriam qualidade especial que os distinguiriam dos demais no além, dando-lhes a companhia dos deuses.

Autores maçônicos costumam citar os **Mistérios de Elêusis** como uma das fontes dos mistérios da maçonaria, o que não tem qualquer fundamento.

Essa manifestação religiosa grega tinha por referência a lenda da deusa das colheitas, Deméter (ou Ceres). A filha de Deméter, Coré, fora raptada por Hades (Plutão), deus do mundo inferior, das profundezas, enquanto passeava com suas amigas em Elêusis. Ao se inclinar para colher um Narciso, Coré desperta a paixão de Hades, que fendendo a terra, surge à sua frente, levando-a para o mundo inferior, dos mortos. Sua mãe ouve do Olimpo seu grito desesperado e desce a terra, procurando a filha por nove dias

e nove noites, sem sucesso. Auxiliada pelo deus sol, Hélio (Apolo), Deméter encontra o lugar onde Coré desaparecera, e decide permanecer na terra até que sua filha lhe seja devolvida. O rei de Elêusis lhe dá abrigo em sua cidade e a deusa em troca dá ao filho do rei, Triptólemo um grão de trigo, ensinando-lhe as artes da agricultura. O afastamento prolongado da deusa de suas funções prejudica a atividade agrícola em toda a terra, fenecendo as plantas antes da colheita. Para resolver o problema apela-se para Zeus, que intima Hades a devolver Coré, agora sua esposa, com o nome de Perséfone. Hades porém estabelece com Zeus um acordo: sua esposa permaneceria na superfície por oito meses, ficando os outros quatro em sua companhia nas profundezas da terra. A lenda refere-se à fertilidade, que dorme no interior da terra nos meses de inverno, ressurgindo na primavera, maturando os frutos no verão e outono, para seguir-se novo repouso.

É assim também, alegoria da morte e ressurreição, que da natureza estende-se ao indivíduo. Os iniciados nesse rito buscavam a união com as deusas, alcançando através delas a imortalidade. No Livro *A Grécia do Partenon* encontramos mais detalhes:



O rapto de Coré pelo deus Hades, fundamento mitológico dos “Mistérios de Eleusis”

“É em boedromiόν (setembro) que Atenas celebra os mistérios sagrados: tudo começa no dia 14, quando os Efebos vão buscar em Elêusis, com grande pompa, os objetos sagrados encerrados em corbelha para leva-los pela via sacra até o Eleusinion de Atenas. Na ponte de Célfico, a multidão espera o cortejo para lhe lança piadas. No dia seguinte, o arconte-rei reúne no pórtico Péculo os mystae, quer dizer, os candidatos à iniciação: todos são admitidos, escravos e bárbaros naturalizados, com exceção daqueles sobre os quais pesa o opróbrio de um crime.”

“Mystae , para o mar! “Quando os sacerdotes lançavam essa ordem os mystae reunidos na praia de Falera corriam a jogar-se no mar, arrastando atrás deles um leitão que será sacrificado. Essa purificação realiza-se no dia 16.

*No dia seguinte, aos gritos de “Iacchos! Iacchos!” a corbelha sagrada, ainda coberta, é levada em procissão a Elêusis. Depois de um dia de jejum, os mystae vão ser iniciados nos mistérios durante duas noites. Esta iniciação faz-se no maior segredo, de tal forma que não conhecemos os ritos com exatidão.” (Françoise Gasser-Cose, **A Grécia do Partenon**, Rio de Janeiro, Otto Pierre Editores, 1978, pp. 271, 272).*

Ora, só mesmo com gigantesco esforço de interpretação (distorção) é possível associar essas práticas com a iniciação maçônica. As distantes semelhanças prendem-se apenas a existência de purificação ritualística, e sigilo relativo aos procedimentos, que não guardam entre si qualquer semelhança ou vínculo, em simbolismo, práticas ou objetivos, como veremos adiante ao comentarmos a iniciação maçônica.

Outro dos ritos praticados entre os gregos reúne os **“Mistérios de Ísis”** Os autores modernos vão buscar referências no trabalho de Plutarco (c.46 - c.125 d.C.) intitulado **“Sobre Ísis e Osíris”**.

Conta-se que Osíris teria sido antigo rei dos primórdios do Egito, tendo ensinado àquele povo o cultivo da terra e o culto aos deuses. Seu irmão Tifão (Set), tinha ciúmes do poder e sucesso de Osíris, e tramou contra ele. Tifão conseguiu secretamente as medidas do corpo de Osíris e mandou fazer um sarcófago com aquelas exatas medidas. Em determinado dia, convidou Osíris para um banquete, quando em dado momento apresentou o sarcófago, dizendo que o presentearia ao convidado cujo corpo se adaptasse com precisão ao caixão. Todos experimentaram,

mas nenhum deles tinha as medidas adequadas. Chegando a vez de Osíris, este se deitou no caixão, quando então, Tifão e os outros conspiradores rapidamente colocaram-lhe a tampa, lacrando-a, e o atiraram no rio Nilo. A notícia do assassinato foi levada à rainha, Ísis, que se vestiu de luto e saiu à procura do corpo de seu marido. O caixão tinha sido levado até Biblos, onde em torno dele crescera uma tamareira. O rei do país cortou a árvore, transformando-a em coluna de seu palácio, sem suspeitar de seu insólito conteúdo. Depois de alguns contratempos, Ísis conseguiu recuperar a coluna com o sarcófago e o corpo do marido, que colocou em local secreto enquanto procurava seu filho, Hórus. Como costuma acontecer nos dramas, o vilão Tifão encontrou por acaso o caixão, retirou o corpo de Osíris, cortando-o em catorze pedaços, que espalhou por todo o país. Ísis procura e encontra todos os pedaços e os une, quando então Osíris ressurge e orienta seu filho Hórus na luta contra Tifão, até sua completa derrota. Osíris torna-se então deus das profundezas e juiz dos mortos.

É esta história que certos autores dizem ter inspirado uma conhecida lenda maçônica, com a qual, os únicos elementos comuns

são o personagem principal ser assassinado traiçoeiramente e a busca pelo corpo (sendo a descrição e circunstâncias, mesmo desses eventos, completamente diferentes na história maçônica). Nenhum dos detalhes desse mito se repete na lenda maçônica, nem seu significado alegórico, claramente apresentado no texto dos rituais. Ainda assim, Querem alguns ver identidade de “significado esotérico” nas duas narrativas.

Entre os leitores destas páginas talvez exista alguém exibindo sorriso de condescendente superioridade, considerando: **“Esses comentários refletem falta de conhecimento esotérico”**. Examinaremos de perto esse tema, relativo a “conhecimento esotérico”, nas aulas 11 e 12.

Outra das inúmeras citadas fontes da maçonaria encontra-se entre os pitagóricos. O que se sabe da vida de Pitágoras está envolto em lendárias brumas. Nascido em Samos, na Jônia por volta de 571 a.C. Pitágoras emigrou para a região de Crotona, no sul da Itália, região de cultura helênica que ficou conhecida como **Magna Grécia**, onde cerca de 532 a.C. fundou uma escola. Essa escola teria confi-

guração de seita mística de caráter iniciático, chamada *synedrion*, ou *homakoeion* com diferentes graus de conhecimento. Pitágoras teria dito que Deus criou o mundo com geometria e música, refletindo as formas, ritmo e relações matemáticas harmônicas existentes em toda parte. Seus discípulos lhe atribuíam diversas iniciações:

“Para a grande maioria, foi dos egípcios, dos caldeus e dos fenícios que ele apreendeu as ciências chamadas matemáticas; porque a geometria sempre interessara aos egípcios; a ciência dos números e do cálculo aos fenícios; o estudo do céu, aos caldeus; quanto ao ritual dos deuses e ao restante dos preceitos sobre a conduta cotidiana, é dos magos, diz-se que ele os escutava e aceitava. (PIERRE A. Riffard, op. cit., p. 360)

Os pitagóricos acreditavam na transmigração das almas e na necessidade de o homem se aperfeiçoar para escapar do ciclo das encarnações.

No simbolismo maçônico, a famosa proposição matemática conhecida como Teorema de Pitágoras constitui a jóia do mestre instalado, o ex-Venerável Mestre.

A escola pitagórica de Crotona impunha uma série de provas aos candidatos a discípulos. Deveriam demonstrar elevadas qualidades físicas, intelectuais e morais além de passar por exames fisiognômicos que verificavam as tendências de suas personalidades. Distinguiam-se nessa escola dois grupos, **os exotéricos** ou aqueles de fora (eram divididos em três subgrupos) e **os esotéricos** ou aqueles participantes do círculo interno:

Exotéricos

1º grau - Ouvintes

O ouvinte não tinha direito a usar da palavra, permanecendo nesse estágio de dois a cinco anos. Nesse período, seu dever era meditar sobre os ensinamentos recebidos do mestre, sem questionamento.

2º grau - Locutores

Aos locutores permitia-se então que fizesse observações, perguntas e expressasse o seu próprio pensamento

3º grau - Matemáticos

Ao matemático era dedicado ao conhecimento da teoria matemática, que reunia cosmologia, astrologia e música.

Durante seu aperfeiçoamento o discípulo era submetido a diversas provas. Superando os desafios, era então admitido à presença do mestre, que até então só era visto através de uma cortina transparente. Uma vez considerado mestre perfeito, passava então a ser admitido entre os esotéricos, onde fazia juramento de silêncio, prometendo nunca revelar os ensinamentos da escola, mesmo se em risco de vida.

Esotéricos

Os esotéricos reconheciam-se mutuamente através de sinais especiais. Segundo a concepção pitagórica, o mundo é gerado através dos primeiros quatro números, que recebem o nome de Tetrakty, e que somados perfazem dez, número considerado sagrado por Pitágoras e seus discípulos.

Tudo o que se conhece a respeito de Pitágoras tem por base os escritos de discípulos seus ou outros filósofos que o sucederam, inclusive os famosos **Versos de Ouro**:

Em primeiro lugar, honra aos deuses imortais, segundo a classe que lhes é indicada pela lei.

Venera também o Juramento. A seguir, honra os heróis gloriosos, e os demônios terrestres, cumprindo as prescrições da lei.

Honra também teus pais e aqueles nascidos em tua família.

Dentre outros, faz teu amigo aquele que é exímio em virtudes. Cede às palavras de bondade e às obras salutares.

Não detestes jamais teu amigo por causa de uma falta leve, na medida em que tu o podes, pois a possibilidade habita junto à necessidade. Aceita-o tal como é.

Quanto ao que vem à seguir, habitua-te a tornar-te senhor: Absolutamente em primeiro lugar o apetite e o sono, depois a luxúria e a cólera.

Jamais comete uma ação vergonhosa: nem com um outro, nem sozinho; mas, acima de tudo, respeita a ti mesmo.

Em seguida, pratica a justiça, tanto em ação, quanto em palavra; e em nenhuma circunstância habitua-te a agir de forma insensata, mas compreende que todos estão destinados a morrer. (PIERRE A. Riffard, op. cit., pp. 363, 365)

Esses são apenas alguns da longa lista de preceitos pitagóricos abordando ensinamentos sobre a vida comum.

Como se pode observar no texto citado, os preceitos e procedimentos da escola de Pitágoras apresentam vários paralelos com os ensinamentos maçônicos, mas não são, de modo algum indicativos de filiação histórica de nossa instituição àquela escola de mistérios, refletem apenas visão comum de valores encontrados em diferentes locais e momentos, ou uma fonte de inspiração onde foram beber os introdutores desses símbolos e procedimentos na Instituição Maçônica.

As iniciações místicas eram em grande número, estando disseminadas em vários países, podendo ser objeto de estudos aprofundados, que por certo poderiam preencher muitos volumes. Aqui foram apresentados comentários sucintos sobre algumas das mais citadas.

Os mistérios egípcios, gregos, romanos etc., foram manifestações específicas de religiosidade surgidas em meio aqueles povos. Eram cultos singulares com configurações sociais e culturais vinculadas à sua época. Alguns de seus símbolos e traços de sua filosofia foram agregados ao acervo simbólico dos maçons especulativos na construção da nova instituição que sobre a antiga corporação se erigiu.

Mais adiante, em outra aula voltaremos a abordar esse tema.


Iniciações Operativas

Na segunda aula abordamos alguns aspectos da fase operativa da Franco Maçonaria, relacionando-a com a organização das corporações obreiras.

O sistema de ensino profissional e relações de trabalho na idade média assumiram na Europa configuração especial por volta do século XII. Tecelões, carpinteiros, mercadores, curtidores, pedreiros, e outros mais, reuniam-se em corporações para exercer sua profissão e transmitir os ensinamentos de seu ofício. As profis-

sões só poderiam ser exercidas por indivíduos devidamente filiados à corporação específica, que regulamentava a qualidade do trabalho e produtos, estipulando taxas e salários, enquanto prestava assistência social a seus filiados.

As técnicas utilizadas em cada ofício eram cuidadosamente controladas e uniformizadas, diferentes oficinas deviam utilizar os mesmos instrumentos e processos, sendo proibidas inovações. Os estatutos dessas agremiações reuniam conjunto de proibições e regras de bom comportamento, sendo mescladas de linguagem refletindo a religiosidade cristã da época. A admissão de novos membros era realizada com formalidades ritualísticas próprias de cada ofício, com ritos inspirados nas práticas religiosas.

 As corporações tinham também compromisso de encenar peças teatrais representando episódios bíblicos, chamados **Encenação dos Mistérios**. A história de Adão e Eva era encenada pelos armeiros, construtores de barcos e pescadores representavam a Arca de Noé e o dilúvio etc.

Os aprendizes eram admitidos com idade em torno dos 14 anos. O pai do menino pagava ao mestre a taxa (estipulada pela corporação) correspondente à instrução que seu filho receberia. Este passava a residir junto ao mestre, em sua própria casa ou na oficina, ficando sob sua inteira dependência, sendo-lhe totalmente submisso. O período de aprendizado tinha duração diferente para os diferentes ofícios.

Passado o período determinado do aprendizado, era elevado o jovem à categoria de oficial, o companheiro, que prestava juramento e, em alguns casos, assinava contrato.

Por último, o companheiro, tornando-se perito na sua função, podia requerer à junta diretiva da corporação exame de qualificação, o qual lhe daria o direito de assumir a condição de mestre, podendo abrir sua própria oficina, iniciar aprendizes, exercendo plenamente sua profissão.

De modo semelhante existiam as corporações de construtores, que se supõe originadas a partir dos grupos de pedreiros, canteiros e

carpinteiros utilizados pelos cruzados tanto na reconstrução das cidades conquistadas, danificadas no violento processo de conquista, quanto na construção de castelos, pontes e outros edifícios de seu uso.

Essas corporações obreiras, conhecidas pela sua designação em francês *"compagnonnage"*, dividiam-se em três agrupamentos chamados "Deveres": **Filhos de Salomão, Filhos de Mestre Jacques e Filhos do Pai Soubise**. Esses *Deveres* compunham-se de canteiros, carpinteiros e marceneiros, que se tratavam com diferentes alcunhas, próprias de cada agremiação.

As práticas iniciáticas dessas corporações obreiras foram objeto de condenação na França, consideradas simulacros sacrílegos das cerimônias eclesiásticas, como consta da condenação enunciada pela Sorbonne em 14 de março de 1665:

"Nós, abaixo assinados, Doutores da sagrada faculdade de Teologia de Paris, achamos:

1º) Que nessas práticas há pecado de sacrilégio, de impureza e de blasfêmia contra os mistérios de nossa religião.



O aprendiz desbastando a Pedra Bruta

2º) *Que o juramento que fazem de não revelar essas práticas, mesmo na confissão, não é justo nem legítimo, e não os obriga de modo algum; pelo contrário, que eles são obrigados a acusar a si próprios desses pecados, e desse juramento no confissão.(...)*”

Mais adiante, no mesmo documento, outros detalhes são acrescentados sobre as práticas iniciáticas de seleiros, sapateiros, canteiros, cuteleiros e chapeleiros, no que elas tinham em comum:

Esse pretense Dever consiste em três palavras: honrar a Deus, Conservar a fortuna do Mestre e manter os companheiros. Mas, ao contrário, esses companheiros desonram grandemente a Deus, profanam todos os mistérios de nossa religião, arruinam os mestres (...) e se arruinam a si próprios pelo tributo que eles cobram para ser usado em bebidas.(...)

As impiedades e sacrilégios que cometem são diferentes, de acordo com os diferentes ofícios. Todavia, tudo o que se segue lhes é comum: (...) dão-lhe um novo nome, tal como foi combinado, batizam-no por escárnio e fazem as outras malditas cerimônias de recepção parti-

culares de seu ofício de acordo com as tradições diabólicas.(...)

Os companheiros canteiros preparam numa das salas uma mesa, uma toalha pelo avesso, um saleiro, um pão, uma taça de três pés cheia até a metade, e três agulhas; e depois de terem feito jurar sobre os Evangelhos aquele a quem recebem, e depois que ele escolheu um padrinho, contam-lhe a história dos três primeiros companheiros, que é cheia de impuridades a que se reporta a significação daquilo que está dentro daquela sala sobre a mesa. O mistério da Santíssima Trindade também é aí várias vezes profanado. (BOUCHER, Jules. op. Cit., pp. 229, 230, 232.)

Os outros ofícios também fundamentavam suas cerimônias de recepção de novos membros em adaptações de rituais católicos e textos bíblicos conhecidos, aos quais referiam os objetos simbólicos presentes na sala. O leitor interessado encontrará mais detalhes na obra citada.

O que se pode observar nesses e em outros documentos, é a presença constante do cristianismo católico nas práticas iniciáticas operativas, sendo essa a razão de sua condenação,

pois em assim fazendo estavam, segundo os Doutores da Sorbonne, escarnecendo das cerimônias que lhes serviram de inspiração. Completamente ausentes estão as referências aos mistérios gregos e romanos, tão queridas de certos autores, mas desconhecidos dos incultos maçons operativos, que analfabetos, nada sabiam da cultura e costumes de civilizações antigas.

A imagem de circunspetos pedreiros, conscientes do significado esotérico de suas funções e símbolos no período operativo constitui completa ficção. Os rudes pedreiros construtores de catedrais, abadias e castelos, não eram mais **“dotados de conhecimentos esotéricos”** do que o comum **“peão”** de obras de nossos dias, como deixam transparecer todos os documentos ora conhecidos sobre aquela época.

Chegamos ao final de mais uma aula e nela você pôde observar e entender algumas das iniciações místicas do passado. Terminamos a aula pincelando sobre as iniciações operativas e relacionando, para o seu melhor entendimento, a iniciação maçônica às anteriores.